



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

LORENA MACIEL LEITE

**UMA REFLEXÃO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Brasília

2017

RESUMO

O artigo a seguir, cujo título é *Uma reflexão sobre as estratégias de relativização do português brasileiro* surgiu como conclusão de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso e foi apresentado à Universidade de Brasília como pré-requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciada em Letras Português. O artigo é dividido em duas partes principais, sendo uma delas focada na literatura citada nas referências bibliográficas e a outra, destinada à análise de dados. Os dados foram coletados em ambiente virtual de escrita não-monitorada e, os dados de fala, são de alunos da Universidade de Brasília, *campus* Darcy Ribeiro, a maioria deles estudantes da graduação em Letras. Todo o estudo foi feito no segundo semestre de 2016. A literatura escolhida para embasar a pesquisa, conta com três gramáticas tradicionais, as obras de Cunha e Cintra, Rocha Lima e Bechara. O artigo começa com a análise do que se escreveu sobre pronomes relativos, nessas três gramáticas e depois o foco é sobre o que se encontra acerca de orações relativas. Além disso, há um resumo sobre quais são as explicações atuais para o fenômeno e seus desdobramentos. No artigo, percebe-se que é defendida a ideia de que o uso das variedades não-padrões, em especial no que diz respeito ao uso das cortadoras, extrapolou os limites da fala não monitorada. A conclusão do artigo aponta para alguns caminhos que podem ser seguidos, caso haja a intenção de aprofundar as ideias aqui apresentadas, além de retomar alguns pontos fundamentais explorados ao longo do texto.

Uma reflexão sobre as estratégias de relativização do português brasileiro

Por Lorena Maciel Leite ¹

1) Introdução

Como sugere o título, neste artigo propõe-se uma reflexão sobre o que está presente nas gramáticas tradicionais, a respeito de orações relativas e pronomes relativos, contrapondo-as com os estudos linguísticos sobre o tema. Ao final, quando for feita a análise de dados coletados recentemente, trarei o ponto de vista da pesquisa para a atualidade, a fim de sugerir um novo olhar para o fenômeno da relativização no português brasileiro. O objetivo deste artigo é apresentar criticamente as três diferentes orações relativas encontradas no português, buscando definir amplamente os pronomes relativos e as orações subordinadas, para refletir sobre a presença cada vez maior de relativas cortadoras na escrita não monitorada e menor de relativas padrão.

2) Pronomes relativos e orações adjetivas nas gramáticas tradicionais

O objetivo desta parte é analisar as definições de orações relativas presentes nas gramáticas de Rocha Lima (1985), Cintra e Cunha (2001) e Evanildo Bechara (2004), assim como explicar como esses autores definem os pronomes relativos. Essa análise servirá também para traçar as diferenças e semelhanças entre essas definições, além de estabelecer se os autores preveem ou não o apagamento de preposições em orações relativas. Outro objetivo é apontar se os autores demonstram que há distinção entre a fala e a escrita, o formal e o informal, no que diz respeito à construção das orações relativas.

3.1. Os pronomes relativos

¹ Graduanda de Letras da Universidade de Brasília. Artigo apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como pré-requisito parcial para obtenção de grau de Licenciada em Letras, habilitação Língua Portuguesa e Respectiva Literatura. Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Lunguinho.

Para iniciar a apresentação e análise das definições de pronomes relativos nas gramáticas tradicionais da língua portuguesa, a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, cuja primeira edição data de 1957, do autor Carlos Henrique da Rocha Lima foi escolhida. O autor introduz o capítulo 9, intitulado “Pronome”, com uma citação de Said Ali, retirada da *Gramática secundária da língua portuguesa* em que o autor citado define os pronomes como sendo “a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso”². Após a citação, Rocha Lima expande a definição de pronome, primeiramente explicando o que seriam *peçoas do discurso* (quem fala, a quem se dirige a fala, ou ainda, de quem ou de que se fala) e depois afirmando o seguinte:

Os pronomes, vazios de conteúdo semântico, têm significação essencialmente ocasional, determinada pelo conjunto da *situação*: *eu*, situação da pessoa que fala; *meu*, situação daquilo que pertence à pessoa que fala; *este*, situação de proximidade em relação à pessoa que fala, etc...³

Ao terminar sua citação com “etc” o autor sugere que se deve aplicar a mesma linha de raciocínio a todos os outros pronomes e, além disso, acredita que o leitor será capaz de fazê-lo sem maior dificuldade. Todavia, há uma escassez de elementos para compreender e reconhecer o pronome em um discurso. O autor segue sua conceituação sugerindo uma divisão dos pronomes em seis grupos: *peçoais*, *demonstrativos*, *relativos*, *possessivos*, *indefinidos* e *interrogativos*. Além desses seis grupos, o autor também divide os pronomes em dois outros grupos, dependendo do ofício que esses exercem na oração: *substantivos* e *adjetivos*. Fica claro o motivo pelo qual os pronomes são considerados *substantivos* ou *adjetivos*, que seria segundo sua função na oração, embora o mesmo não aconteça na primeira classificação.

Os pronomes relativos, segundo Rocha Lima, podem ser simplesmente *pronomes relativos*, ou ainda, *pronomes relativos indefinidos*. A diferença entre as duas classificações é que na primeira, o antecedente, isso é, termo ao qual o pronome se refere, é expresso e na segunda é oculto. O autor defende que os pronomes relativos seriam “palavras que reproduzem, numa oração, o sentido de um termo ou da totalidade de uma oração anterior”⁴.

²ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática normativa da língua portuguesa; curso médio; prefácio de Serafim da Silva Neto. 26. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985; p.110, citação de Said Ali.

³ Idem; p.110.

⁴ Idem; p.116.

De acordo com o autor, o pronome relativo “não tem significação própria”⁵ e, inicialmente o autor afirma que eles ‘representam’ seu antecedente e, após exemplos de pronomes relativos em orações, afirma que eles significam seus antecedentes. Em sua gramática, encontra-se o seguinte exemplo:

Havia a escola, *que* era azul e tinha
Um mestre mau, de assustador pigarro...⁶

Segundo Rocha Lima, no exemplo apresentado *que* significa *escola*. A ideia de que o pronome relativo significa seu antecedente é questionável, isso fica claro quando analisamos o emprego de *cuja* na oração *A casa cuja varanda é enorme foi vendida*. Seria um equívoco afirmar que *cuja* significa *casa*, pois, se ambos os termos possuem a mesma significação, a semântica não seria prejudicada se os trocássemos. No exemplo apresentado pelo autor, isso acontece, já que, substituindo o pronome pelo seu antecedente temos (a) *Escola era azul e tinha um mestre mau* mantendo o sentido original da sentença, embora ainda seja possível questionar a falta do artigo definido feminino. O mesmo não ocorre no segundo exemplo pois, fazendo o mesmo tipo de substituição não é possível encontrar o mesmo significado: (a) *casa varanda enorme foi vendida*. Ao separar os pronomes relativos em *substantivos* ou *adjetivos*, o autor coloca quase todos eles como sendo *substantivos*, nas palavras de Rocha Lima, pronomes que “se comportam como verdadeiros substantivos, isto é, representam o núcleo de um sujeito ou de um complemento”⁷. Dentre os pronomes relativos, apenas *cujo* e suas flexões são colocados no grupo dos *adjetivos*. Esses pronomes, de acordo com o autor, sempre se referem a um substantivo em uma relação de subordinação, seja ele ou oculto ou expresso.

Diferentemente de Rocha Lima que reservou apenas dez páginas de sua gramática para tratar dos pronomes da língua portuguesa, Cunha e Cintra, autores da segunda gramática aqui analisada, dedicam em sua *Nova gramática do português contemporâneo* ao todo noventa e duas páginas aos pronomes e a obra dos dois, não apenas pelo volume de páginas, apresenta a forma e as funções dos pronomes de maneira mais acurada e com maior riqueza de detalhes.

⁵ Idem; p.116.

⁶ Idem; p.116.

⁷ Idem; p. 118.

O capítulo 11 da gramática de Cunha e Cintra inicia-se com a distinção entre pronomes substantivos e pronomes adjetivos. Segundo os autores “os pronomes desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais”⁸. Essa ideia já estava presente na gramática de Rocha Lima, entretanto, as funções dos pronomes não estavam tão bem organizadas. De acordo com Cunha e Cintra, as funções dos pronomes podem ser:

- a) *Representar um substantivo (pronomes substantivos).*
- b) *Acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado (pronomes adjetivos).*⁹

Além de apontar essas duas funções, os autores também afirmam que perceber a forma com que essas duas categorias de pronomes são empregadas no texto é uma maneira fácil de distingui-las. Os pronomes substantivos estão isolados na frase, sendo que os adjetivos, em contrapartida, acompanham o substantivo com o qual concordam em gênero e número. Assim como Rocha Lima, os autores agrupam os pronomes em seis espécies diferentes, já citadas neste artigo.

Os pronomes relativos, segundo Cunha e Cintra, são nomeados dessa maneira por, geralmente, fazerem referência a um antecedente. Esses autores não cometem o mesmo equívoco de Rocha Lima afirmando que os pronomes relativos *significam* seus antecedentes. Ao contrário, os autores frisam o duplo papel exercido pelo relativo dentro de um período: representar o termo anterior determinado e servir como elo que subordina a oração que iniciam à principal. A partir da definição desse papel, os autores discorrem sobre as funções sintáticas que os pronomes relativos podem exercer dentro de uma oração. Diferentemente de Rocha Lima e Bechara, Cunha e Cintra não incluem *quanta* em seu quadro de pronomes relativos, embora a distinção entre formas variáveis (em gênero e número) e invariáveis continue a mesma. O *que*, o *quem* e o *onde*, então, seriam formas invariáveis, enquanto o *qual*, *cujos* e *quanto* seriam pronomes variáveis. Além disso, Cunha e Cintra afirma que, assim como *quem*, *cujos*, *quanto* e *onde*, o *que* seria uma forma simples enquanto o *qual* seria uma forma composta. Observando o uso contemporâneo no português brasileiro dos pronomes

⁸ CINTRA, L.; CUNHA, C. Nova Gramática do português contemporâneo. 3.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001; p. 289.

⁹Idem; p.289.

relativos, é possível pensar que *o qual* e suas variáveis já não fazem mais parte da fala e da escrita não-monitoradas. Vale ressaltar que Rocha Lima é o único entre os três autores que não considera *onde* como pronome relativo. Para o autor, *onde* é considerado um advérbio relativo. Ele considera também advérbios relativos *o quando* e *o como* quando são empregados, em orações adjetivas, com algum termo antecedente.

Cunha e Cintra também ressaltam o fato de que o relativo que normalmente é empregado depois de preposições monossilábicas: *a, com, de, em e por*. Moura Neves¹⁰ refere-se a essas preposições como sendo 'introdutoras de argumentos'. Além dessas, a autora inclui entre as preposições introdutoras de argumento *até, contra, entre, para, por, sob e sobre*. As preposições *ante, após, desde, perante e sem* seriam, não-introdutoras de argumentos. Também podemos recorrer à outra classificação. As denominadas por Moura Neves de introdutoras de argumento podem ser entendidas como preposições lexicais, e as que participam da segunda categoria, seriam as funcionais.

Para finalizar a análise de como a forma e a função dos pronomes relativos aparecem nas gramáticas tradicionais, há de se recorrer aos escritos de Evanildo Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*. Nela, o autor torna mais complexa a definição de pronomes relativos e uma nomenclatura diferente é usada para esse propósito. Bechara define os pronomes da seguinte maneira:

***Pronome** – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.* (BECHARA, 2004)

Conforme já citado anteriormente neste artigo, Rocha Lima define as *peçoas do discurso* logo após conceituar pronomes. Cunha e Cintra o fazem dentro do tópico sobre pronomes pessoais e Bechara o faz assim como Rocha Lima. O autor da *Moderna gramática portuguesa* vai além e também frisa as relações *anafóricas*, quando o pronome faz um 'gesto verbal'¹¹, isso é, aponta para um elemento que é presente para aquele que enuncia que já foi enunciado anteriormente, e as relações *catafóricas*. A *catafórica* acontece quando o pronome

¹⁰ NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 1.ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2007.

¹¹ BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna 2004.

faz referência ou, no termo utilizado pelo autor, aponta para um elemento que não está presente ou que não tenha sido enunciado no discurso.

Essa diferença entre o apontar para um elemento já enunciado ou que ainda não foi enunciado é estabelecida quando Bechara define *pessoas do discurso*. Não é só por essas duas categorias que o autor vai além ao tratar dessas pessoas, pois, diferentemente de Rocha Lima, Bechara foca na forma que essas *pessoas do discurso* apresentam e também na sua semântica:

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são 'formas sem substância', isto porque apresentam apenas ou em primeiro lugar um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos.¹²

A explicação dada por Bechara do que seriam os pronomes relativos não difere muito daquela feita por Cunha e Cintra, estando ali, inclusive, a ideia do duplo papel exercido pelos pronomes relativos dentro do período. A novidade está no conceito de *relativo universal* sendo ele o que mais interessa para tratar o tema das estratégias de relativização no português brasileiro, foco desse artigo. Nesse momento, o autor se atenta para a linguagem popular e coloquial em que o pronome relativo aparece, segundo ele, “despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional”.¹³ Para exemplificar, o autor compara uma *relativa padrão* a uma *relativa copiadora*, conceitos que serão tratados no próximo item deste trabalho.

3.2. As orações relativas

Assim como no subitem **3.1 Os pronomes relativos**, será analisado nessa parte do trabalho o que se encontra nas três gramáticas já mencionadas a respeito das orações relativas, também chamadas de adjetivas. Como já afirmado anteriormente, Evanildo Bechara é o único, dentre os três autores, que reconhece em sua gramática a presença de orações não-padrão na fala coloquial e popular. Um dos objetivos desse trabalho é demonstrar que essas

¹² Idem; p.112.

¹³ Idem; p.201.

orações também estão presentes na escrita não monitorada e na fala de alunos universitários em sala de aula, ambiente em que se espera uma linguagem mais monitorada. A presença dessas orações dentro no âmbito acadêmico e na escrita também foi explorada por Rejane Matias Gomes da Silva¹⁴ em sua dissertação de mestrado. Em sua dissertação, a autora analisa trabalhos de graduandos de letras a fim de demonstrar como as relativas não-padrão estão tornando-se cada vez mais presentes na escrita. Tarallo (1985) em seu clássico estudo sobre as estratégias de relativização do português analisa principalmente a fala de São Paulo, chegando à conclusão que apenas na fala encontramos variação e que a escrita mantém a relativa padrão como a habitual.

Rocha Lima ainda usa a nomenclatura de oração adjetiva em vez de oração relativa – a segunda é mais recente que a primeira. Ele define as orações subordinadas como aquelas que dependem de uma oração principal e que representam desdobramentos dessas. Nesses desdobramentos, é possível classificar as orações subordinadas quanto à sua função – *substantivas*, *adjetivas* e *adverbiais* – e quanto à sua forma – *reduzida*, *desenvolvida* e *justaposta*. Segundo o autor, as orações adjetivas “valem por adjetivos”¹⁵. Novamente, o autor ressalta a característica dos pronomes relativos e dos advérbios relativos de estarem presentes nas orações adjetivas desenvolvidas e fazerem referência a um *antecedente*. É nesse capítulo sobre orações que encontramos as funções que o pronome relativo pode exercer – *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto*, *complemento relativo*, *predicativo*, *adjunto adnominal*, *agente da passiva*, *adjunto adverbial*. Não há menção de outras estratégias de relativização.

Há três maneiras de construir orações relativas em português brasileiro. São elas: *relativa padrão*, *relativa cortadora* e *relativa copiadora*. Essa distinção está presente no clássico estudo de Tarallo (1985) também na obra *Português ou brasileiro?* de Marcos Bagno, utilizados como referências bibliográficas nesse artigo. Veja os exemplos a seguir:

- a) A menina de quem eu gosto é inteligente – *relativa-padrão*
- b) A menina que eu gosto dela é inteligente – *relativa copiadora*
- c) A menina que eu gosto é inteligente – *relativa cortadora*

¹⁴ SILVA, Rejane Matias Gomes da. *A gramática invisível – o caso das orações relativas*. Dissertação de mestrado – Brasília: UnB, 2007

¹⁵ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática normativa da língua portuguesa; curso médio; prefácio de Serafim da Silva Neto. 26. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985; p. 26

A primeira relativa apresentada é a padrão, considera gramaticalmente correta. Essa relativa é encontrada principalmente em ambientes de fala e escrita monitoradas. O que caracteriza esse tipo de oração, é a presença de uma preposição, requerida pelo verbo que rege o antecedente ao qual se refere o pronome, introduzindo o pronome relativo. A relativa cortadora, a mais utilizada dentre os brasileiros, segundo os estudos e os dados coletados para esse artigo, é aquela que não marca essa preposição em nenhum lugar da oração. A copiadora apresenta um pronome ‘cópia’ na oração relativa, que corresponde ao ‘dela’ no exemplo apresentado. Cunha e Cintra definem as orações subordinadas de maneira semelhante à definição de Rocha Lima. Segundo os autores:

Dizemos que as ORAÇÕES SUBORDINADAS funcionam sempre como TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES ou ACESSÓRIOS de outra oração.¹⁶

Após essa afirmação, os autores dão exemplos de orações subordinadas para depois destrinchar os três principais grupos: substantivas, adjetivas e adverbiais. Eles exploram a característica de serem desenvolvidas ou reduzidas (infinitivo, gerúndio e particípio). Assim como observado na gramática de Rocha Lima, não há qualquer menção de outras formas de relativização em português brasileiro, apenas exemplos para cada função que o pronome relativo pode exercer no período.

Bechara, por sua vez, apresenta a relação de subordinação e de coordenação de uma maneira inovadora, quando comparada ao que está nas últimas duas gramáticas analisadas. Em *Propriedades dos estratos de estruturação gramatical*¹⁷ o autor apresenta os seguintes conceitos: *superordenação* (ou *hipertaxe*), *subordinação* (ou *hipotaxe*), *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*). Tendo em vista o foco desse trabalho, irei me concentrar em sua definição de *hipotaxe*, pois, é a que consegue abarcar o fenômeno de apagamento de preposições no português brasileiro. Segundo Bechara:

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos

¹⁶ CINTRA, L.; CUNHA, C. Nova Gramática do português contemporâneo. 3.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001; p. 612.

¹⁷BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna 2004; p.46.

inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como “membro” de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática.¹⁸

O autor não restringe a subordinação apenas a orações, expandindo o conceito para outros estratos da linguagem, como textos e palavras. Segundo o autor, a ideia de *conjunção subordinativa* surge de um falso paralelismo entre subordinação e coordenação. Para ele, ao subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, há a necessidade de dois elementos:

Um (elemento) para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que essa estrutura exerce na oração complexa. **No português essa marca de subordinação é *que*.**¹⁹

Destacado em negrito, encontramos uma explicação coerente para os outros fenômenos de relativização do português brasileiro. Se apenas *que* é necessário para marcar subordinação entre duas orações, podendo ser entendido como uma marca geral desta, não seria necessário a presença da preposição para a compreensão de um período composto. Ou ainda, desenvolvendo a definição de pronomes relativos de Rocha Lima, é possível concluir que as relativas cortadoras revelam a ideia de que apenas o pronome relativo *que* seria necessário para retomar a **totalidade** da oração anterior. Para exemplificar essa afirmação, a seguir há um trecho da música *Condicional* dos *Los Hermanos*, banda brasileira contemporânea, em que se percebe a presença das seguintes cortadoras:

Os dias **que eu me vejo** só são dias *que eu me encontro mais*

1

2

Essas duas orações, reescritas como relativas-padrão, teriam as seguintes possibilidades:

Os dias *em que/ nos quais* me vejo só são dias *em que / nos quais* me encontro mais

1

2

¹⁸ Idem; p.47.

¹⁹ Idem; p.47.

Não é necessário a preposição *em* para compreender que o “me vejo” e o “me encontro” ocorrem *nesses* dias. Esse exemplo demonstra como as orações cortadoras estão presentes na cultura popular e, nessa situação, não há qualquer estigma quanto ao fato de o autor não usar uma relativa padrão.

Voltando à análise da gramática de Bechara, no capítulo II, *Gramática descritiva e normativa*, está a descrição das orações subordinadas no item *Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição*²⁰. Essa descrição acurada da subordinação em português, inicia-se com um exemplo simples de oração principal, considerada pelo autor como “unidade material”. Neste artigo, irei utilizar um outro exemplo para seguir o passo a passo feito pelo autor. A seguir, temos uma oração independente:

O navio sumiu.

Utilizando os termos do autor, pode-se passar essa oração solitária para um estrato inferior de uma outra unidade, pelo processo de *hipotaxe* ou *subordinação*, em que ela funcionará como um membro do período sintático.

A mulher notou que *o navio sumiu*.

A ideia de que a oração subordinada funciona como um *membro* e não como um *acessório* é mais interessante e eficaz, pois, um acessório poderia muito bem ser retirado: o cinto é considerado um acessório de vestuário. Uma pessoa sem cinto ainda está usando calças, não sendo ele necessário para o equilíbrio da roupa como um todo. Um membro, no entanto, é uma parte do todo que altera o equilíbrio e faz-se muito mais necessário que um acessório. No exemplo apresentado, *A mulher notou* é a oração principal, segundo a gramática tradicional, e *que o navio sumiu* é uma oração subordinada que, sintaticamente, funciona como objeto direto em relação ao núcleo verbal *notou*. As duas orações são equivalentes à *A mulher notou o sumiço do navio*. Segundo Bechara, embora *que o navio sumiu* não passe de um termo da oração complexa *A mulher notou que o navio sumiu*, cuja função pode ser de substantivos, adjetivos ou advérbios, a tradição gramatical entende que

²⁰ Idem; p. 462.

há uma segunda oração devido à presença dos núcleos verbais *notou* e *sumiu*. O autor faz a ressalva de que as orações subordinadas, ao serem analisadas isoladamente de suas principais, e as próprias orações consideradas principais, não satisfazem duas condições requeridas para caracterizar orações. As condições são as seguintes:

- a) *A delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;*
- b) *Existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.*²¹

Retomando o exemplo da música retirado da música *Condicional*, fica claro como, além de não haver pausas e contorno melódico entre as orações, quando observadas separadamente, também não há ‘ato completo de comunicação’. A oração principal *os dias só são dias* não tem sentido completo assim como *que eu me vejo* e *que me encontro mais* tampouco o tem.

O *que* é apresentado por Bechara como *marca de subordinação oracional*²². De acordo com sua gramática, o *que* seria a marca de transposição de um estrato superior para uma camada inferior pela qual passa uma unidade ao tornar-se membro de outra. Diferentemente dos períodos com orações coordenadas, em que a conjunção une duas unidades pertencentes ao mesmo estrato, chamados de *orações compostas* ou *períodos compostos*, as orações subordinadas formariam *orações complexas* e esse *que* é chamado de *transpositor*. Após tratar das orações de transposição substantiva, Bechara foca nas *orações complexas de transposição adjetiva*²³, separando-as em dois subitens, intitulados da seguinte maneira: *Orações adjetivas ou de relativo* e *O relativo marcado por índice preposicional*. Não é nessa parte que estará presente as outras relativas do português que não são a padrão. Tendo em vista o objetivo do presente artigo e notando que aquilo que já se explanou sobre as orações relativas na gramática tradicional, o foco do final desta etapa será o que se encontra na gramática do Bechara sobre as relativas copiadoras e cortadores, mesmo que haja mais informações sobre a transposição adjetiva.

Depois de mencionar as principais características dos pronomes relativos do português, Bechara dedica-se ao que ele se refere de *relativo universal*:

²¹ Idem; p.463.

²² Idem; p.463.

²³ Idem; p. 465.

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos universal(...)

Embora a língua padrão recomente o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um “elemento linguístico extremamente prático”²⁴

O exemplo apresentado para demonstrar essas afirmações, é uma relativa copiadora. Na oração apresentada a seguir, segunda a norma padrão, seria necessário o emprego do pronome *cujo* para subordinar uma oração à outra. Entretanto, o que temos a seguir, é a cópia de “a senhora” no pronome “dela”.

A senhora QUE eu bati no carro DELA está furiosa.

Podendo ser reescrita, em sua forma de relativa padrão, como:

A senhora EM CUJO carro bati está furiosa.

Nesse exemplo apresentado, é possível atestar a praticidade do pronome *que* e porque Bechara defende que ele é o relativo universal. O *que* pode ser usado em todas as situações de relativização. O *cujo* tem a vantagem de ser um único pronome que promove não só a subordinação da relativa que inicia à uma principal e a referência a um antecedente, como também convém o sentido de posse. O *que* o substitui sem faltar nada para que todas essas ideias estejam nas orações, há apenas que se atentar para a necessidade de copiar um pronome na oração subordinada.

Marcos Bagno sugere que o desaparecimento do *cujo* proporcionou a ocorrência cada vez mais comum de copiadores e cortadores e, ao analisar os dados colhidos para este trabalho, percebe-se como esse *despir de qualquer função sintática* não ocorre apenas no *falar despreocupado*. É interessante apontar que o autor frisa a presença de elemento linguístico prático e universal também no latim. Esse aspecto será retomado a seguir quando for apresentada uma explicação histórica para o fenômeno de relativização do português brasileiro.

²⁴ Idem; p. 491 e 492.

3) Análise de dados

Nesta parte final do artigo, irei analisar alguns dados que foram coletados durante esta pesquisa, além de explorar um pouco mais os aspectos linguísticos e sociais do uso das relativas no português brasileiro, focando principalmente na escrita não-monitorada em ambiente virtual.

Desde o estudo de Tarallo (1985), citado nas referências bibliográficas deste artigo, percebe-se que a relativa padrão não era a mais produzida na língua falada não monitorada. Já era possível perceber que o falante, fosse ele mais ou menos escolarizado, pertencente a uma classe social mais ou menos privilegiada, nunca preferia a relativa padrão na fala. A preferência do falante de São Paulo à época do estudo era pela relativa cortadora. Segundo Bagno, em *É português ou brasileiro?* no capítulo intitulado *Cores que eu não sei o nome* chega à mesma conclusão, ao analisar revistas e jornais de larga circulação no Brasil, impressos no final do século XX, dentre outros dados, de que a favorita do brasileiro segue sendo a cortadora. Entrando em contato com a bibliografia citada neste artigo, percebe-se que há mais de uma explicação possível para que cada vez mesmo o falante tenha usado a relativa padrão.

Uma das explicações para o gradual desaparecimento da relativa padrão em português brasileiro é do ponto de vista diacrônico. O português, assim como outras línguas românicas, passa por uma evolução que se iniciou à época do latim vulgar, que diz respeito ao aspecto analítico ou sintático da língua. O latim vulgar, já apresentava sugestões de que essa mudança estaria em jogo. As línguas românicas que passam por essa evolução, como é o caso do português brasileiro, deixam de ser caracterizadamente sintáticas para terem mais aspectos analíticos. Essa evolução, como explicitado, é bastante antiga. Sob esse olhar diacrônico, é possível explicar porque o *cujo*, pronome que sintetiza mais de duas informações, está sendo substituído pelo *que*. O número de palavras necessárias para transmitir a mesma informação, ao produzir uma relativa com o *que* e não com o *cujo*, é maior e isso é um dos aspectos de uma língua fundamentalmente analítica.

Após essa explicação acerca da resistência dos falantes modernos ao uso da relativa padrão, ainda resta a dúvida do motivo pelo qual os falantes escolhem a relativa cortadora e não a copiadora, em tantos casos. Segundo Tarallo, uma explicação possível seria o uso cada

vez maior desse tipo de relativa em novelas da Rede Globo de televisão. Ele mostra como a emissora, ao adotar em suas novelas a cortadora em vez da relativa padrão ou da copiadora, teve grande influência para que os falantes o fizessem também. Segundo Bagno, o motivo maior é que a copiadora segue sendo a mais estigmatizada tendo em vista que é mais produzida por falantes com menor grau de escolarização.

Trabalhando como professora particular de alunos de escolas privadas de Brasília, pertencentes à classe média alta, filhos de pais cujo nível de escolaridade era ensino superior completo, foi possível perceber a dificuldade de ensinar como se constrói uma relativa-padrão. Embora por vezes os alunos produzissem relativas copiadores, especialmente em construções que pediriam *cujo* ou suas variações, a regra parece ser a cortadora. Os exercícios sobre o assunto demandam que o aluno seja capaz de acrescentar pronomes relativos, de acordo com a norma padrão, a orações como as do exemplo a seguir, retiradas de uma avaliação de 2007 da segunda série do Ensino Médio de um colégio particular de Brasília:

Questão 8

Dados os pares de orações a seguir, construa períodos compostos, empregando os pronomes relativos adequados, de modo que a segunda oração de cada par seja a subordinada.

- a) O nadador não venceu prova alguma.
O nadador treinou bastante para a competição.
- b) O filme provocou comoção geral.
Participamos do filme como figurantes.
- c) Várias pessoas são de países europeus.
Conversei com várias pessoas na festa.
- d) O proprietário era um velho excêntrico.
Estivemos no hotel fazendo de um velho excêntrico.
- e) Os problemas têm de ser resolvidos rapidamente.
Os ministros falaram sobre os problemas.

A seguir estão transcritas as respostas de Pedro, aluno de 16 anos:

- a) O nadador, que treinou bastante para a competição, não venceu prova alguma.
- b) O filme que participamos do filme como figurantes provocou comoção geral.
- c) Várias pessoas as quais eu conversei na festa são de países europeus.
- d) O proprietário cujo o hotel fazenda.
- e) Os problemas que os ministros falaram sobre têm de ser resolvidos rapidamente.

Tendo em vista que a prova é aplicada após o conteúdo ter sido estudado em sala de aula, percebe-se o esforço do aluno de usar o *cujo* na letra **d** embora ele não soubesse como terminar seu período. Após receber a prova corrigida, o aluno tentou as seguintes construções, já sabendo que apenas a sua resposta para a letra **a** encontrava-se de acordo com a norma padrão da língua portuguesa:

- b) O filme que participamos como figurantes provocou comoção geral.
- c) Várias pessoas quem (?) eu conversei na festa são de países europeus.

Mesmo sabendo que a letra **d** estava errada, o aluno não se arriscou a responde-la. Ele não conseguiu perceber qual era o erro da letra **e**. Para explicar que a letra **d** ainda não estava de acordo com a norma padrão, de forma que o aluno entendesse, foi preciso passar uma série de perguntas. Primeiramente, foi preciso que o aluno percebesse qual era o antecedente da oração, tarefa que foi facilmente concluída com sucesso: *o filme*. Depois disso, foi preciso perguntar ao aluno: quem participa, participa de alguma coisa ou alguma coisa? Essa pergunta não é necessariamente eficiente, pois, ao responder que, obviamente, quem participa, participa **de** algo, o aluno ainda assim não consegue reconhecer o erro em sua resposta. Ainda há aqueles alunos que respondem sem a preposição, (*quem participa,*

participa alguma coisa) mesmo que digam, naturalmente, que irão *participar do trabalho*. Aqui está descrita com maior número de detalhes a experiência vivida com apenas um aluno, todavia, o mesmo aconteceu, mais de uma vez, com outros alunos, ocorrendo inclusive uma exaustiva repetição para que o aluno ‘memorizasse’ a necessidade de marcar a preposição antes do pronome relativo. Dois alunos mais novos, um de 12 e outro de 13, completaram um exercício inteiro com *que*, não precedido de preposição. Usaram relativas cortadoras em todas as situações. Tanto os alunos mais novos como Pedro, aluno de 16 anos, fizeram uma hipercorreção ao tentar usar o *cujo* e o *qual* e suas variações. Os alunos mais novos, quando não sabiam qual pronome relativo e preposição colocar no período, abusam do *cujo* na tentativa de acertar. Nenhum dos dois parecem fazer parte da língua para essa geração mais nova.

Assim como Marcos Bagno já havia observado, em jornais é possível perceber com frequência a presença da cortadora. Atualmente, basta digitar ‘tenha o abdômen que sempre sonhou’ no Google para encontrar uma lista de *sites* em cujos títulos de artigos não é possível encontrar a preposição *com*. Um exemplo desses *sites*²⁵ postou uma matéria com uma cortadora desse tipo e colocou como fonte do artigo a Revista Body Building Magazine da Editora Multiesportes. Além disso, o *link* copiado nas notas de rodapé também está vinculado ao aplicativo de busca Pinterest. Com esse único exemplo, demonstro como também na escrita as cortadoras estão sendo produzidas naturalmente.

A seguir, seguem dados coletados no site Facebook, nos grupos privados da Universidade de Brasília (UnB), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Unb, das MANAS da FAU, de Letras e do grupo LOUCAS – Sororidade em Brasília. Os integrantes dos grupos citados são, em sua maioria, alunos universitários, com idade entre 18 e 28 anos. O último grupo tem a característica de ser exclusivamente feminino. Os dois primeiros itens são dados coletados da fala de alunos do curso de letras, produzidos em sala de aula. Transcrevo apenas os dados de relativas cortadoras e copiadoras e não alterei aquilo que foi produzido. Aqueles que foram encontrados na internet, continuam com as características desse tipo de escrita. Além disso, não fiz qualquer correção gramatical e transcrevi palavras de baixo calão ou informais à maneira como foram produzidas.

²⁵ <http://www.maisequilibrio.com.br/fitness/o-abdomen-que-voce-sonhou-2271.html>

Dados de fala

1. A menina que fiz dupla com ela (**copiadora**)
2. O Alexandre que eu trabalhei com ele no escritório (**copiadora**)

Esses dois dados são exemplos de copiadoras sendo produzidas por pessoas que estão no nível superior em ambiente de sala de aula. Ao contrário do que poderia se imaginar quando se pensa que essa forma é estigmatizada e não é produzida por um grupo social, as pessoas que falaram as frases 1 e 2 não foram corrigidas de forma nenhuma e, pelo que foi possível perceber, as pessoas não perceberam o ‘erro’.

Dados da escrita em ambiente virtual

3. Um lugar que dê para acampar (**cortadora, não foi feita a opção pelo onde, omissão de em**)
4. (...) ou clínica de Oncologia que tenha médicas (os) dessa especialidade (**cortadora, não foi feita a opção pelo onde, omissão de em**)
5. Apesar de já ter descoberto uma dobra que consigo colocar (o coletor menstrual) sinto essa pressão no canal vaginal terrível (**cortadora, não foi feita a opção pelo onde, omissão de em**)
6. Procuo psiquiatra que atenda por plano de saúde, faço questão que seja mulher porque já é foda confiar em médico (**cortadora, omissão de de**)
7. E precisa ser um lugar que eu consiga chegar de ônibus/metro (**cortadora, não foi feita a opção pelo onde, omissão de em**)
8. Migas, há um tempo to parada em casa pra cuidar da filhota e conseguir leva-la as terapias e outras coisas que ela precisa. (**cortadora, omissão de de**)
9. Inclusive não duvido nada q o sem noção peça pra algum amigo fingir q quer adotar só pra poder entrar em contato comigo de novo. (**cortadora, omissão de de**)
10. A pessoa que eu moro (**cortadora, omissão de com e quem**)
11. O estado te obriga a pagar por serviços que você muitas vezes nem desfruta (**cortadora, omissão de de**)
12. alguém sabe de algum lugar em Brasília que dá pra mandar fazer aqueles totens de pessoas em escala 1x1 (**cortadora, não foi feita a opção pelo onde, omissão de em**)

13. Alguém aí sabe um lugar que imprima adesivos? **(cortadora, não foi feita a opção pelo onde, omissão de em)**
14. a aula de teoria que você pode REFAZER a prova nessa quarta-feira com a outra turma! **(cortadora, omissão de em)**
15. Vou participar do festival de cinema de tiradentes e o lugar que eu ia ficar deu pra trás! **(cortadora, não foi feita a opção pelo onde, omissão de em)**
16. Manas, não tenho nenhum vínculo com o local apenas estou repassando o que vi em outro grupo que participo. **(cortadora, omissão de de)**
17. Tô em choque, acordei hoje cedo e tinha seguinte publicação no outro grupo que participo sobre o caso da moça de Corumbá. **(cortadora, omissão de de)**
18. to indo pra ribeirão preto e gostaria de estender a viagem pra algum lugar perto que tenha cachu. **(cortadora, não foi feita a opção pelo onde, omissão de em)**
19. fui informada que no primeiro semestre as aulas serão em Foz **(cortadora, omissão de de)**
20. Vou colocar aqui os lugares que pensei em ir **(cortadora, não foi feita a opção pelo onde, omissão de em)**
21. quem sabe ate outros lugares que eu possa me informar **(cortadora, não foi feita a opção pelo onde, omissão de em)**
22. Manas, tem alguma loja em Brasília que vende coletor menstrual? **(cortadora, não foi feita a opção pelo onde, omissão de em)**

A partir desses dados, percebemos que a cortadora segue sendo a preferida. Não encontrei qualquer dado com *o qual* e suas variações sendo usados como pronome relativo e tampouco o *cujo* e suas variáveis. O *onde* sendo usado como relativo também parece estar desaparecendo, embora ainda seja produzido.

5) Conclusão

A leitura das gramáticas tradicionais sugeriu que a tendência é que as relativas cortadoras irão tornar-se cada vez mais aceitas. O autor Bechara demonstra em sua gramática a melhor explicação para o fenômeno de subordinação no português e uma tendência que

deve ser seguida para a análise do *que*, como relativo universal. O que percebi pela minha observação é que as pessoas não percebem quando não usam a relativa padrão e apenas em fala monitorada é que elas não produzem a relativa copiadora. Em ambientes formais, a relativa padrão e a cortadora são usadas arbitrariamente. Observando os falantes mais jovens pude perceber a mesma coisa, inclusive a presença da copiadora. Os alunos que observei precisaram adquirir o *qual* e *cujo* e suas variáveis, pois, já não lhes eram naturais. Sendo assim, concluo que os falantes percebem cada vez menos que formas não padrão estão sendo produzidas e, por isso, a relativa copiadora pode vir a ser menos estigmatizada. Em minha observação, pude perceber que ainda há sim estigma relacionado a essa segunda forma de relativização mesmo por aqueles que a produzem.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BAGNO, M. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna 2004.
- CINTRA, L.; CUNHA, C. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 3.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 1.ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa; curso médio*; prefácio de Serafim da Silva Neto. 26. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985.
- SILVA, Rejane Matias Gomes da. *A gramática invisível – o caso das orações relativas*. Dissertação de mestrado – Brasília: UnB, 2007.
- TARALLO, F. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. University of Pennsylvania. PhD. Dissertation, 1983.

Lorena Maciel Leite

Lorena Maciel Leite

Matrícula: 130121126